

8.03.01 - Artes / Fundamentos e Crítica das Artes

ARTE CONTEMPORÂNEA: CULTURA OU LIXO?

Ana Paula Gucoff Lima¹, Juliana Seabra², Willian Girarde³

1. Estudante do ensino médio do Colégio Carbonell em Guarulhos/SP;
2. Professora de Artes do Colégio Carbonell em Guarulhos/SP;
3. Orientador do Programa Syans de Iniciação Científica.

Resumo:

No que se refere à arte, a chegada da idade contemporânea trouxe consigo muitos pontos de ruptura com a idade moderna, o que acabou gerando confusão sobre a própria definição do termo. A idade contemporânea é um período conflituoso entre artistas e a classe dominante. Se, por um lado, a arte moderna era ligada a um regime do consumo, onde artistas faziam arte para o público, por outro a arte contemporânea é ligada ao regime da comunicação, no qual os artistas fazem arte simplesmente para serem absorvidos pelo sistema da arte, gerando indiferença por parte do público.

O presente estudo, levando em conta a hipótese de que há desconhecimento e falta de interesse em relação à arte contemporânea, foi realizado com o propósito de descobrir por que artistas da idade contemporânea não são tão valorizados quanto artistas da idade moderna.

Palavras-chave: arte contemporânea; arte moderna; comparação

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Colégio Carbonell

Introdução:

O conceito de "modernidade líquida" criado por Zygmunt Bauman se encaixa muito bem na situação em que a arte se encontra atualmente, onde códigos, padrões e regras, que antes eram vistos como pontos de orientação e pelos quais os indivíduos se guiavam, estão cada vez mais em falta. Hoje, o que acontece é uma desconstrução do paradigma moderno, que é classificado como tradicional e conservador. Todavia, não se vê uma reconstrução de parâmetros sólidos. Dessa forma, a arte fornecida atualmente fica à mercê de atos criados pela mídia e pelo mercado, onde em um momento a obra é vista como "obra prima" e em outro ela é esquecida completamente.

De todas as fases pelas quais a arte passou, a fase pós-moderna é a mais complexa, por fazer parte de um período recente, mostrando-se mais evidente a partir da década de 50. A idade pós-moderna é

marcada pela liberdade de atuação do artista, que não tem mais obrigações institucionais que o limitem, podendo, desse modo, exercer o seu trabalho sem se preocupar em reproduzir em suas obras um determinado caráter religioso ou político. As obras desse período representam a revolta dos artistas que se consideravam muito limitados com os atributos classicistas e iluministas deixados como herança do período moderno da arte. Com a reconstrução do paradigma da arte, o público se encontra cada vez mais afastado e confuso com a arte contemporânea, não conseguindo discernir as obras que lhe são apresentadas. Grandes nomes da arte surgiram no final do século XIX e são reconhecidos até hoje, dos quais pode-se citar Leonardo da Vinci, Vincent van Gogh, Edvard Munch, entre muitos outros.

Nesse contexto, este trabalho trouxe à tona uma importante questão, que justifica sua crítica ao tema da pesquisa: por que, afinal, a sociedade não atribui o devido reconhecimento aos artistas contemporâneos da mesma forma que concede, ainda hoje, reconhecimento aos artistas da idade moderna?

Metodologia:

A priori, a ideia era realizar entrevistas com profissionais atuantes na área de arte (curadores de museus, professores de universidades, etc.) para discutir sobre a relação entre público e a arte contemporânea.

Por uma série de desventuras, o rumo metodológico se alterou, de modo que, ao fim, o trabalho tomou como referência uma série de pesquisas bibliográficas realizadas em livros que abordavam arte contemporânea, arte moderna e a história da arte. A pesquisadora responsável por este trabalho ainda debateu individualmente com Juliana Seabra, pós-graduada em história da arte pela FPA e professora de artes no Colégio Carbonell, em Guarulhos/SP, sobre o mercado de trabalho artístico brasileiro. Tais discussões foram fruto do conhecimento adquirido com as pesquisas bibliográficas e colaboraram muito para as conclusões.

O novo rumo metodológico percorrido pelo estudo também contou com vistas às exposições de Thiago Honório e Lina Bo Bardi,

tanto no Museu de Artes de São Paulo (MASP) quanto no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC). Na ocasião, houve ainda uma conversa com funcionárias dos museus sobre a reação do público diante das obras contemporâneas.

Resultados e Discussão:

Com a vinda do capitalismo e da globalização, a criação de um novo sistema da arte foi inevitável. O surgimento da arte contemporânea foi marcado por novos questionamentos sobre a definição de arte. Como saber, por exemplo, que os *ready made*, deixados como herança de Marcel Duchamp e incorporados nas obras pós-modernas, são, de fato, arte?

Vale dizer que o antigo sistema da arte foi utilizado em quase todos os períodos da história da arte e tem como essência o que Jorge Coli chama de instrumentos específicos. Tais instrumentos, salienta-se aqui, servem para o autor como base para decidir o que é e o que não é arte. A época do antigo sistema de arte, o discurso sobre o objeto artístico, os locais específicos e as atitudes de admiração eram fatores essenciais, sendo considerado como mais importante o discurso.

Em arte, a crítica sempre teve a autoridade de atribuir o regime da arte a um objeto e classificá-lo em uma ordem de excelências. Porém, conflitos entre os critérios de uma época e os critérios estabelecidos de uma obra atualmente geram desgosto por parte dos críticos, e muitas vezes o seu trabalho pode ser considerado superficial. É que, com o passar do tempo, os objetos específicos foram sendo deixados de lado e surgia um novo líder do sistema da arte: o mercado.

A propósito, um dos efeitos do capitalismo sobre o sistema da arte foi moldar tanto o público como os artistas. No período moderno, houve uma onda de afastamento entre artista e mercado. Já no período contemporâneo, a regra que se consolidou foi a seguinte: se o artista não fosse absorvido pelo sistema neoliberalista, não haveria espaço para o mesmo no sistema da arte. Enquanto dois ou três nomes são incorporados ao sistema internacional, a maior parte da classe artística vive, hoje, dada essa regra, em estado de miséria: carência de espaços, debates, estímulo e mercado.

Ergue-se, nesse contexto, outra noção capitalista: tudo o que é caro é bom. O mercado vira o juiz. Os artistas passam a ser reconhecidos por quantia e não por qualidade, havendo assim um esvaziamento da crítica e das obras. Enquanto a sociedade tem uma

visão utópica de que o artista é um rebelde se manifestando — herança do modernismo —, o mesmo já se vendeu ao sistema da arte e adquiriu o status de celebridade. Andy Warhol, uma figura influente do movimento Pop Art declarou que "ser bom nos negócios é o mais fascinante tipo de arte. Ganhar dinheiro é arte, trabalhar é arte e um bom negócio é a *melhor* arte."

A arte, então, passa a ser manipulada pelo sistema e vira entretenimento, tendo o significado contestador dos modernistas esvaziado. Arthur C. Danto declara o momento de esvaziamento da arte como sendo o fim dela. Segundo ele, o fim da arte não significa o fim das obras de arte, mas o laço que as unia à história. O pós-moderno capitaliza a transgressão dos artistas, sendo produzidas cada vez mais obras manipuladas e sem crítica alguma.

A arte moderna estava sempre tentando oscilar a regularidade estabelecida e, desfeita essa utopia, só restou ao artista a percepção alienada do próprio papel. Por mais que a maior parte dos artistas modernos rejeitasse o academicismo, eles ainda eram reconhecidos pela qualidade artística de suas obras. Com a falência da crítica, o artista não depende do reconhecimento de suas técnicas artísticas, mas, sim, do sucesso. E como o mesmo é livre e não existem mais critérios de enaltecimento, senão o mercado, qualquer questionamento da obra é recebido como ofensa pessoal. Muitas vezes, a obra questionada é apresentada pela mídia como desconhecida, levando a muitos museus renomados obras efêmeras e carentes de significado. Surgem evidências de que fatores econômicos e institucionais prevalecem sobre a discussão estética.

Atualmente, artistas contemporâneos são julgados simplesmente pelo valor monetário de suas obras. Caso ilustrativo é a lista com os melhores artistas contemporâneos apresentada pelo site ArtPrice, que os classifica levando em conta somente o preço das "produções". Também crítico nesse aspecto, o repórter do portal G1, Luciano Trigo, afirma que "antes existiam a arte e seus valores, em torno dos quais se articulavam jogos de mercado, mídia e poder. Agora são os jogos de mercado, mídia e poder que engendram, fabricam e articulam o jogo da arte".

O mercado se torna inconstante à medida que a ausência da crítica notável e qualificada cria modismos momentâneos. Ao artista que deseja reconhecimento, cabe seguir os padrões fabricados e, quanto mais inofensiva for a sua obra, maiores são as

chances dela ser incorporada ao sistema.

Conclusões:

Nos dias que correm, ser artista passou a ser uma indagação de descobrir como recriar coisas passadas de modo que elas possam ser bem recebidas pelo mercado. Sucede a crise da monotonia e da escassez criativa. A arte é sufocada pelo mercado e as fronteiras entre o princípio artístico e a gozação tornam-se muito tênues em alguns momentos. Piadas de mau gosto são vendidas como obras geniais. E a esfera da cultura reduz-se ao lazer comerciável, onde só se precisa estar exposto para ser considerado de boa qualidade.

Os artistas contemporâneos são conduzidos pelo sistema a produzirem de tal forma, o que os torna cada vez mais repetitivos e previsíveis. A manipulação capitalista leva a um afastamento dos artistas com o público. Os mesmos só querem o reconhecimento do sistema. E o sistema só quer criar um público consumidor e reforçar os padrões que o sustentam, o que leva ao espectador uma atitude de recebimento passivo ou de desdém.

A opinião formada, em parte das retóricas do século XVIII e em parte do século XX, estão consolidadas nos indivíduos formando uma máscara pela qual os mesmos tentam aprender a contemporaneidade. O público não entende o conjunto de obras que lhes são apresentados, e o sistema está mais interessado em subir os preços das obras do que explicar ao telespectador seus critérios de qualificação e exposição. Com isso, o público procura nas obras contemporâneas estéticas de experiências que já tiveram com arte. O estranhamento e a indiferença são os sentimentos achados nas obras manipuladas pelo sistema.

Como reagir à efemeridade das obras esvaziadas de significados? O processo de banalização da arte não é mais algo raro de se notar. Desde o artista que amarra um cachorro em uma galeria para morrer de fome até o que não participa do processo de fabricação da sua própria obra, que é vendida por milhões de dólares, o atual mundo artístico está a caminho de reconhecimento midiático.

Referências bibliográficas

- 1.<<https://www.todamateria.com.br/arte-contemporanea/>> Acesso em: 10 de jan. 2017
- 2.<<https://www.todamateria.com.br/arte-moderna/>> Acesso em: 10 de jan. 2017
- 3.<<http://www.artprice.com/artprice-reports/the-contemporary-art-market-report-2016/top-500/top-500-contemporary-artists-1-to-50/>> Acesso em: 20 de jan. 2017

- 4.VYGOTSKI, Lev. *Psicologia da Arte*, 1971.
- 5.COLI, Jorge. *O que é arte?*, 2007.
- 6.TRIGO, Luciano. *A grande feira*, 2009.
- 7.OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*, 1983.
- 8.CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea*, 2005.
- 9.FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*, 2007.
- 10.OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*, 1977.
- 11.GOMBRICH, Ernst. *A história da arte*, 1981.
- 12.ARGAN, Giulio. *Arte moderna*, 1992.